

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

ANTES DO BAILE VERDE: CONTOS

AUTORA

LYGIA FAGUNDES TELLES

TEMAS

**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA
E COM A ANTROPOLOGIA;
FICÇÃO, MISTÉRIO E FANTASIA**

GÊNERO LITERÁRIO

CONTO, CRÔNICA E NOVELA



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto
Maitê Acunzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Geruza Zelnys de

Material digital do professor — Antes do baile verde :
contos / Geruza Zelnys de Almeida ; coordenação de
Sandra Mayumi Murakami Medrano ; CEDAC. — 1ª ed.
— São Paulo : Bonifácio, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-88894-05-7

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Telles, Lygia
Fagundes. Antes do baile verde. III. Medrano, Sandra
Mayumi Murakami. IV. CEDAC

21-0689

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA BONIFÁCIO LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 71

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3561

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **10**

Pré-leitura, 13

Leitura, 16

Pós-leitura, 25

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **27**

Linguagens e suas tecnologias, 27

Arte, 27

Pré-leitura, 27

Leitura, 28

Pós-leitura, 29

Língua inglesa, 29

Pós-leitura (trabalho interdisciplinar), 30

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 30

História e geografia, 30

Pré-leitura, 31

Leitura, 32

Pós-leitura, 32

Sociologia, 33

Pré-leitura, 33

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **36**

Sugestões de referências complementares, **39**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Antes do baile verde*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos da autora, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra,

mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

No momento em que se avolumam as discussões em torno da presença da literatura de autoria feminina nos espaços privilegiados de saber, *Antes do baile verde* vem fazer jus à importância dessas leituras para jovens do Novo Ensino Médio. É nessa etapa escolar que os jovens mergulham de forma mais intensa no mundo da literatura, ao estudar sua historiografia, seus movimentos literários ou o que caracteriza as obras canônicas. Por isso, esse é um momento importante para aprofundar o estudo de obras literárias escritas por mulheres, de obras que tragam personagens construídas pela visão de uma mulher.

Lygia Fagundes Telles é, sem dúvida, uma das maiores escritoras brasileiras. É uma autora canônica e, por isso mesmo, essencial para abrir portas a novas mulheres na literatura. Ainda mais agora que se abriu espaço para as obras de autoria feminina, ler Lygia passa a ser, também, um estímulo à formação de novas autorias.

Nascida em São Paulo, em 1923, **Lygia** é considerada uma das maiores escritoras brasileiras vivas. A “dama da literatura brasileira”, como é chamada no meio literário, é uma grande prosadora: romancista e contista, ficou conhecida pelo romance *Ciranda de pedra* (1954). Outras obras de sucesso como *As meninas* (1973) e *Seminário dos ratos* (1977) receberam diversos prêmios literários. Em 2005, a autora foi homenageada com o *Camões*, o prêmio mais importante em língua portuguesa. Em 2016 se tornou a primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura.

Lygia também é mestra no gênero **conto**. Com “Antes do baile verde”, ela ganhou o Concurso Internacional de Escritoras, na França (1969), e no ano seguinte esse conto deu nome à antologia que reunia outros textos publicados anteriormente pela autora. *Antes do baile verde* reúne dezoito contos fundamentais de Lygia, além de trazer importantes paratextos que falam sobre a obra e a vida da autora: o posfácio “Garras de veludo”, de Antonio Dimas; o trecho de uma carta de Carlos Drummond de Andrade com suas impressões sobre o livro; o depoimento “A beleza secreta da vida”, de Urbano Tavares Rodrigues; e uma biografia sobre a autora.

Todos os contos são intensos e revelam aspectos fundantes do gênero, como a abertura do absolutamente individual para o universal. Ou como diz o escritor argentino Julio Cortázar: “o clima de intimidade, nascido a partir de um recorte individual e circunscrito, em determinado momento abre-se para o universal de uma ‘realidade infinitamente mais vasta que a do seu argumento’ porque um conto ‘tem de nascer ponte, tem de nascer passagem’” (1974, p. 152-7).

No cenário atual, a busca por identidades gera angústias e conflitos nos jovens. Os contos de *Antes do baile verde* podem ser uma ponte para essas reflexões, pois convidam o leitor a olhar as figuras femininas relacionando-as com as representações masculinas, ainda que estas sejam menos definidas. A construção de personagens femininas completamente distanciadas de uma representação fácil e dicotômica é um elemento motivador na leitura dos contos. Não há, entre as personagens de Lygia, mulheres boas ou más, como costumamos ver em telenovelas e filmes hollywoodianos — pelo contrário, elas são compostas pela tinta da ambiguidade e da movência. Mesmo tendo sido escritos há décadas, os contos de *Antes do baile verde* questionam as imagens construídas no padrão cultural conservador e patriarcal.

Já as imagens masculinas são desenvolvidas com pinceladas de vulnerabilidade e, por isso, também destoam de uma visão simplista do homem. Como essa é uma questão política em evidência no nosso tempo, é importante observar a construção e a desconstrução dos estereótipos que estruturam certa visão da mulher — mas, também do homem — e trazê-la para discussão. Por expor e esmiuçar uma gama notavelmente variada de experiências humanas com seus encontros, desencontros e metamorfoses, *Antes do baile verde* é uma boa oportunidade para promover, entre os estudantes, **diálogos com a sociologia e a antropologia**. Afinal, a sala de aula é um dos espaços para a reflexão legítima sobre os textos aos quais destinamos espaço de escuta.

O **gênero conto** é propício a experimentações, por inserir o leitor numa situação específica, geralmente conflituosa, com começo, meio e fim (ainda que o final seja aberto ou que o início seja um recorte de algo maior). Por isso, pode ser tomado como um microcosmo social: todos os impasses da

vida estão ali sobre a lâmina do papel para serem analisados pelo leitor. E, por se tratar de obra de ficção, o leitor tem muito mais liberdade para ponderar sobre esses dramas que se multiplicam na vida cotidiana.

Nos contos lygianos, **a ficção se mescla também com o mistério e a fantasia**, deixando tudo ainda mais instigante — não há uma resposta final certa ou errada. As personagens, complexas e difíceis de serem delimitadas com exatidão, lançam-se no contínuo da vida e nos limites da morte: a maioria desses contos flerta com segredos, revelações, suspense, amor, morte e traição. Como na vida, nesses contos tudo é surpreendente, inacabado e passível de questionamento. Basta olharmos com atenção.

Antes do baile verde, portanto, faz no gênero conto o que a autora também consegue em seus romances que impactaram a cena literária, como *Ciranda de pedra* e *As meninas*. O primeiro, adaptado para o gênero telenovela (Globo, 2008), apresenta uma protagonista intensa que, pelo uso do discurso indireto livre, consegue nos envolver em sua interioridade. O mesmo se dá em *As meninas*, que, mesmo com uma linguagem fluida, informal e de fácil acesso, nos envolve nas confusões mentais das protagonistas. Mas, se nos romances podemos nos alongar por muito tempo com as personagens, nos contos o corte brusco nos impele a refazer mais de uma vez a leitura, buscando o que foi perdido no tempo acelerado dos diálogos. E isso dá dinamismo e sabor contemporâneo à leitura!

Há na obra de Lygia Fagundes Telles uma linhagem machadiana, pois se trata de textos com estrutura conservadora, apuro léxico e gramatical, além das várias camadas interpretativas. O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-49) também é uma grande influência em sua obra, especialmente os textos ligados ao elemento fantástico, como “O gato preto” e “O barril de Amontillado”, que dialogam com os contos “A caçada” e “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia, por exemplo. Os brasileiros Clarice Lispector (1920-77), Carlos Drummond de Andrade (1902-87) e Hilda Hilst (1930-2004), escritores contemporâneos com quem nutria grande amizade, também tiveram grande influência na obra de Lygia. Eles eram amigos, liam-se uns aos outros, trocavam impressões e pensavam na questão humana e existencial, além de procurar novas formas de representação em seus textos.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura imprescindível no Novo Ensino Médio, a antologia *Antes do baile verde* proporciona, ao longo de seus dezoito contos, um mergulho no imaginário e na técnica de escrita de uma mestra na arte do conto. E, além de possibilitar uma experiência que sensibiliza o leitor para as nuances do gênero, também convida a um olhar crítico sobre as relações humanas, em especial as que giram em torno das visões sobre a mulher na sociedade.

O livro de Lygia poder ser lido de forma autônoma pelos jovens; no entanto, a mediação do professor ainda é importante, pois só com a compreensão da estrutura sobre a qual se elaboram as histórias narradas no livro e com um olhar atento às minúcias é que haverá uma relação mais plena com todas as possibilidades e potências dos contos de *Antes do baile verde*. Para isso, é fundamental não apenas conhecer os códigos e como eles se relacionam com o contexto social e ideológico, mas também abrir espaços de discussão em que os jovens atuem e exponham seus pontos de vista.

A produção contística de Lygia Fagundes Telles dialoga com elementos do fantástico e do mistério — que são extremamente atrativos para o jovem, que durante a leitura precisa sair da realidade imediata e mergulhar no incompreensível, no inexplicável, no campo simbólico. Por meio desse distanciamento, o leitor emerge desse mergulho enriquecido e com material suficiente para pôr a realidade em discussão, o que significa que essa experiência pode colaborar com sua emancipação.

Segundo Huback e Pereira (2016, p. 3875),

há sempre um mistério rodeando as linhas da ficção lygiana e cabe ao leitor tecer as pontas que ficam soltas. A falta de um desfecho ou de uma conclusão, que são suspensos pelo ato de sugerir, muito bem executado pela autora, aproxima-se da caracterização dos personagens, também construídos por sugestão. As temáticas que saltam das páginas abarcam questões humanas corriqueiras: traição, mentiras, amores frustrados, vinganças, angústias e aflições pessoais. Conforme avançamos, a inconclusão e a falta

de resignação que advêm das narrativas tiram o leitor da sua zona de conforto. Quem espera por um final feliz ou personagens planos, acaba por surpreender-se com a amplitude das possibilidades do ser.

Percebemos então a importância de um trabalho analítico voltado aos temas e ao gênero literário para uma experiência estética plena, que estimule os jovens a entender intelectualmente o saber sensível construído na leitura.

Os contos de *Antes do baile verde* distinguem-se também pela construção do tempo e do espaço, os quais a autora consegue materializar nos objetos. Não à toa, o primeiro conto do livro se chama “Os objetos”, e a partir dessa chave de leitura ficamos mais atentos às materialidades que dimensionam o corpo das personagens. Outro elemento que qualifica a obra lygiana é a habilidade na construção dos diálogos: é por meio das falas rápidas que podemos delinear as personalidades e subjetividades das personagens. Trata-se de um procedimento estimulante, porque nos faz observar que uma xícara, por exemplo, não é só uma xícara quando submetida a um olhar atento. De certa forma, podemos dizer que Lygia Fagundes Telles nos ajuda a ver as coisas ou a desautomatizar nosso olhar.

Antes do baile verde nos convida, assim, a uma participação ativa na leitura. As aulas de Língua Portuguesa podem expandir o entendimento dos processos estéticos e a compreensão dos recursos de linguagem, além de criar espaços para debater os posicionamentos dos jovens diante do mundo representado e do mundo que os cerca.

A proposta de trabalho com *Antes do baile verde* explora especialmente as seguintes competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re) produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO

HABILIDADES

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspec-

tiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

PRÉ-LEITURA

A fim de sensibilizar os jovens para a leitura do livro *Antes do baile verde*, sugerimos uma roda de conversa sobre seus últimos livros lidos ou sobre os que mais marcaram a vida deles. Sugerimos uma ampla discussão sobre isso e que, aos poucos, estimule-os a pensar na autoria dessas obras: eles citaram mais autores homens ou mulheres? É provável que tenham se lembrado com mais facilidade de homens, porque a ideia de leitura ainda está muito vinculada aos livros lidos na escola e com finalidades didáticas, os quais até pouco tempo eram dominados por escritores masculinos.

Então, pode-se perguntar quais mulheres autoras eles conhecem. Certamente serão mencionadas Clarice Lispector, talvez a própria Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst e uma ou outra aluna talvez cite alguns nomes contemporâneos. É importante destinar tempo para uma conversa sobre essas autoras e seus livros, de forma que os estudantes tenham abertura para expressar suas opiniões sobre o tema, sobre diferenças e semelhanças que veem nos textos escritos por homens e mulheres.

Lembramos que esta troca de ideias não deve ser tomada como pretexto para a leitura do livro, mas sim provocar interesses intelectivos e sensíveis, despertando a curiosidade pelo contexto social e político no qual se insere o livro que será lido. Estimule-os a refletir se há diferença entre as histórias contadas e/ou vividas por homens e mulheres. E, caso haja, a diferença está no que acontece ou no modo como a história é contada?

Se você conhecer algum conto contemporâneo escrito por mulher, leve-o à aula para estimular a discussão. Uma sugestão é “A história de Martina”: um texto bem curto que pode preparar o leitor para as características do gênero conto, além de apresentar uma imagem que se repetirá em alguns dos contos de Lygia Fagundes Telles — a xícara —, estimulando assim uma memória afetiva das leituras.

A história de Martina

quando eu era uma xícara ele me encheu tanto que quebrou minha asa. aí me colocou na gaiola e pendurou na janela. o dia corria pra lá e pra cá enquanto a boca da noite não me engolia. vivia sonhando café quente passado na hora e ele lá contando alpiste. demorou mas um dia no espelho olhei bem pra essa minha cara de porcelana rara e saquei que já era tarde demais pra pular. voar também não dava. então fui andando mesmo. sem pressa. equilibrada em cima dos saltos. alta. e ele apequenado teve de calar o bico e sem dar um pio começar a juntar os próprios cacos. não voltei pra ver se conseguiu. fui tomar um expresso. [ZELNYS, 2016, p. 9.]

A princípio, não apresente a autoria. Pode perguntar se acham que foi escrito por um homem ou mulher. A turma deve responder que se trata de uma mulher. E por quê? Seria pela voz que fala na narrativa? Ou pelo tema? Seria por conta dos acontecimentos? Há no texto algo que revele que foi escrito por uma mulher? Observe que são questões abertas e provocativas; nenhuma delas tem uma resposta certa, por isso devem ser tomadas como estímulos à reflexão. É verdade que o fato de o texto ser totalmente escrito em letras minúsculas pode se referir a um procedimento que não admite a hierarquia, mas José Saramago (autor português, Nobel de Literatura 1998) também escreve muitos de seus textos assim. Além disso, a imagem da xícara ajusta-se mais ao universo intimista do feminino, mas um homem também pode se relacionar com intimidade com qualquer objeto.

Então, conforme os jovens apresentem suas ideias, ajude-os a perceber que as pessoas vivem e narram suas experiências a partir dos lugares que ocupam na sociedade, seja no núcleo familiar ou na esfera pública, e que isso influencia as histórias que lemos. Instigue-os a notar que o fato de mulheres serem menos lidas do que homens não está relacionado a uma menor produção literária, mas a outras variáveis. Quais seriam essas variáveis, na opinião deles? Aqui você pode incluir uma reflexão sobre as oportunidades que homens e mulheres tiveram ao longo da história para produzir e assumir suas escritas. Uma autora que pode ser mencionada é Mary Shelley (1797-1851), que teve muita dificuldade em publicar seu livro

Frankenstein (1823) — e isso simplesmente pelo fato de ser mulher e de ter que enfrentar uma visão machista que perdura ainda hoje, apesar das conquistas dos últimos anos.

Depois dessa conversa inicial, pode-se propor um breve exercício criativo: os estudantes se imaginam autores prestes a escrever um conto. Ainda sem falar das especificidades do gênero literário, diga apenas que se trata de uma história breve, que deve acontecer num recorte temporal delimitado ou numa única cena (como no texto de Geruza Zelnys). Que história gostariam de contar? Quem seriam as personagens? Qual seria o acontecimento?

Então, oriente-os a sair da sala de aula e a se movimentar pela escola, com uma postura observadora. Há algo que lhes chama a atenção a ponto de ser digno de uma história? E o que poderia chamar a atenção? Um detalhe, talvez. Talvez porque esse detalhe, ou esse objeto, coloque luz no que está acontecendo de fato por detrás da aparente normalidade de uma situação. É como se apenas por meio desse detalhe pudéssemos entrar em contato com o mistério.

Depois que voltarem à sala, entregue-lhes uma folha e oriente-os a registrar um “esqueleto” da história. Explicar que não é o momento de escrever a história, mas apenas seus elementos centrais, com alguns apontamentos:

	Exemplo
Título	A história de Martina
Personagem(ns)	Martina e ele
Protagonista(s)	Martina
Tempo	Presente (com referência ao passado)
Espaço(s)	Casa (físico) Interior (subjeto)
Acontecimento (conflito)	Separação
Detalhe(s)	Xícara
Narrador	Primeira pessoa

Depois, peça que compartilhem seu trabalho com a turma. Promova um espaço descontraído para que os estudantes se divirtam com as possíveis tramas e com as que mais lhes parecem interessantes. Então estimule-os a

refletir sobre as diferenças na criação das histórias que seriam escritas por mulheres e homens. Há mesmo diferença? A quantidade de homens que aparece nas categorias personagens, protagonista e narrador é maior ou menor do que mulheres? Não se preocupe em aprofundar esse estudo, porque ao longo deste material será proposto que, nas aulas de sociologia, o professor dê continuidade a esse trabalho com um estudo específico.

Depois dessa atividade, faça a apresentação do livro *Antes do baile verde*. Diga-lhes que se trata de uma obra especial, pois foi escrito por Lygia Fagundes Telles, uma mulher que, num tempo em que não era comum às mulheres dedicarem-se à literatura, tornou-se uma autora consagrada e conhecida no Brasil e no mundo. Uma mulher que influenciou toda uma geração de escritoras contemporâneas — como a autora do conto que acabaram de ler, Geruza Zelnys.

LEITURA

Por se tratar de um livro de contos, há maior liberdade para escolher por onde começar a leitura. Propomos iniciar pelo conto “A caçada”, por se tratar de um texto que evidencia aspectos importantes na obra da autora e que, por isso, pode ser lido considerando as semelhanças e diferenças para com os demais. O conto pode ser lido em voz alta, em leitura compartilhada.

A **leitura compartilhada** acontece quando o professor lê e os estudantes seguem com o livro em mãos. É uma leitura que requer atenção ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e promove a autoimagem do leitor.

Seria interessante preparar o ambiente dispondo almofadas no chão da sala de aula ou, se for possível, fazer a leitura em outro local da escola. Como você sabe, a leitura em voz alta é uma prática bastante comum no Ensino Infantil e nos primeiros anos do Fundamental, mas vai perdendo lugar

à medida que as crianças entram na adolescência. No Ensino Médio, apesar de ser uma prática ainda mais rara, é uma modalidade de leitura importante, porque tira o livro do espaço individual e solitário, incentivando a partilha, a escuta e a construção compartilhada de sentidos da leitura. Assim, o livro se abre para uma fruição diferenciada, pois atenta também ao corpo que medeia a obra e faz paradas necessárias ao entendimento intelectual e sensível do gênero literário.

A leitura ficará mais interessante se você já tiver lido o conto antes, pois assim, ao ler em voz alta em aula, seu corpo captará as nuances da atmosfera de mistério e poderá expressá-la melhor. Sugerimos uma leitura bem pontuada nos diálogos, com espaçamentos entre as falas, para que todos possam produzir as imagens mentais a partir da leitura. Advirta-os de que você lerá o conto na íntegra para uma fruição plena e que, no fim, ficarão alguns minutos em silêncio vivenciando o espanto.

O GÊNERO CONTO

Você verá que os contos de Lygia Fagundes Telles são marcados por finais abruptos, intensos e pouco explicativos, o que justifica destinar tempo e espaço — de respiro e silêncio — à absorção das imagens finais:

Abriu a boca. E lembrou-se. Gritou e mergulhou numa touceira. Ouviu o asso-bio da seta varando a folhagem, a dor!
“Não...”, gemeu de joelhos. Tentou ainda agarrar-se à tapeçaria. E rolou enco-lhido, as mãos apertando o coração. [p. 72]

É importante questionar as impressões gerais antes de pontuar os elementos fundantes do gênero literário para a construção do repertório formativo para as demais leituras. Retome, então, a estrutura básica do conto e, se achar adequado, faça anotações na lousa sobre os elementos já conhecidos pelos estudantes. Porém, o mais importante é explicitar que a força de “A caçada” está justamente na tensão entre dois planos narrativos, na fusão entre duas realidades. O que aconteceu no fim? Então, ajude-os a perceber a realidade duplicada desse conto (ver a seguir os elementos indicados entre parênteses).

1. Narrador: terceira pessoa

2. Enredo: um homem fica obcecado por uma tapeçaria e vai todos os dias à loja para observá-la, até descobrir-se parte integrante da caçada tramada entre os fios da peça

3. Desfecho: o protagonista sofre um ataque do coração (transforma-se na caça)

4. Personagens: a velha e o protagonista (dois caçadores e a caça)

5. Tempo: presente (e passado)

6. Espaço: loja (e floresta)

Retome a leitura do conto, mostrando como o fim estava antecipado no início, em certas pistas deixadas lá de propósito pela autora:

A loja de antiguidades tinha o *cheiro* de uma *arca de sacristia* com seus panos embolorados e livros *comidos de traça*. Com *as pontas dos dedos*, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi *chocar-se contra* uma imagem de *mãos decepadas*. [p. 67]

Os trechos em itálico são elementos que trazem sensação de sufocamento e violência, assim como ocorre no fim da narrativa. Essa circularidade que une o fim ao início é uma marca característica nos contos que preservam a estrutura mais tradicional do gênero. É como se o fim de algum modo já estivesse previsto no início e todo o miolo fosse concebido para chegar a esse fim dramático. Assim, não se trata de um recorte aleatório, mas sim de um recorte muito bem tramado pela autora, por isso o leitor de contos costuma desenvolver um olhar detetivesco para perceber as pistas deixadas no meio do caminho da leitura.

No livro *O último leitor*, o argentino Ricardo Piglia analisa imagens de leitores ficcionais e aponta a existência de dois modos de ler, ou “dois tipos de leitor confrontados” (2006, p. 33-5):

- a leitura detetivesca, que recolhe pistas do texto verbal;
- a leitura criminosa, feita pela crítica literária, que usa “os textos em benefício próprio” e que lê como se estivesse “contra outro leitor”.

No conto, podemos dizer que a leitura é detetivesca porque as características composicionais do gênero criam um artifício para enganar o leitor, fundando uma espécie de cilada ou armadilha — que o captura e, no fim, o rende.

Então o leitor precisa fazer o caminho circular e voltar ao início do conto e se perguntar como tudo começou, para perceber aquilo já havia começado antes mesmo de começar:

Ele então se voltou lentamente para a tapeçaria que tomava toda a parede no fundo da loja. Aproximou-se mais. A velha aproximou-se também.

— Já vi que o senhor se interessa mesmo é por isso. Pena que esteja nesse estado.

O homem estendeu a mão até a tapeçaria, mas não chegou a tocá-la.

— Parece que hoje está mais nítida... [p. 67]

Ajude os estudantes a perceber que os trechos em itálico mostram que não é a primeira vez que esse homem vai à loja. Então se pode supor que a tapeçaria está sendo lida por ele fazia muito tempo, pelo menos o suficiente para desgastá-la e para ele penetrar completamente naquela trama.

Esse entendimento dá outra dimensão ao conto: é como se a segunda leitura amarrasse todos os fios narrativos. Por isso, podemos falar também de um terceiro plano narrativo, ou seja, o plano metalinguístico, pois a tapeçaria simboliza a própria ideia da criação e da arte, pois duplica a cena: enquanto o homem tenta decifrar a tapeçaria, nós leitores tentamos decifrar o texto; enquanto o homem se identifica com as personagens, nós leitores nos identificamos com ele. Essa é a magia dos contos de Lygia Fagundes Telles e, em maior ou menor intensidade, isso ocorrerá em todos os textos.

Essa característica pode ser observada por causa da justa medida do conto. Se a autora se alongasse num romance, seria mais difícil capturar essas marcas, mas esse gênero propõe um exercício mais lúdico de leitura. Nesse ponto, pode ser interessante fazer uma relação com o exercício de pré-leitura, voltando às cenas selecionadas por eles: o que elas guardariam de mistérios? Como esses mistérios poderiam ganhar contornos mais nítidos? Talvez se eles se cen-

trassem em torno de algo concreto, como um objeto? No conto “A caçada”, há um objeto central, a tapeçaria. Tudo acontece em torno dela: há uma explosão de temporalidades e espacialidades; vida, morte e identidades se borram.

O TEMPO, O ESPAÇO E AS COISAS

Aliás, o primeiro conto da antologia *Antes do baile verde* se chama justamente “Os objetos”. Sugerimos agora trabalhar com ele, pois os estudantes devem perceber com mais clareza como as coisas, ou melhor, os objetos, são importantes para a composição da narrativa e a caracterização das personagens. Mais uma vez, estamos diante de uma cena, um recorte no cotidiano de um casal, Lorena e Miguel, que conversa sobre alguns objetos presentes na casa:

Finalmente pousou o olhar no *globo de vidro* e estendeu a mão.

— Tão *transparente*. Parece uma *bolha de sabão*, mas sem *aquele colorido* de bolha refletindo a janela, *tinha sempre uma janela* nas bolhas que eu soprava. O melhor canudo era o de mamoeiro. Você também não brincava com bolhas? Hein, Lorena? [p. 11]

Mais uma vez, desde o início há indícios, aqui apontados em itálico, do que será tratado no conto: o risco da quebra, a vulnerabilidade da relação, a transparência dos sentimentos, a falta de colorido, a busca por uma saída etc. Mostre que um objeto que aparece logo na primeira linha, o *globo de vidro*, é a ponte para a *bolha de sabão* e também ponto de partida para o diálogo — interessado por parte do marido e desinteressado por parte da mulher, que está mais preocupada com outros objetos:

Ela esticou entre os dedos um longo fio de *linha vermelha* preso à *agulha*.

Deu um nó na extremidade da linha e, com a ponta da agulha, espetou uma conta da caixinha aninhada no regaço. Enfiava um *colar*.

— Que foi? [p. 11]

Desde esse início, uma série de objetos será usada como pretexto para falar sobre a relação: do peso de papel sem funcionalidade à adaga. E é interessante destacar o que nos conta Miguel sobre algo que pode ser relacionado ao próprio procedimento autoral do escritor:

Quando olhamos para as coisas, quando tocamos nelas é que começam a viver como nós, muito mais importantes do que nós, porque continuam. [p. 12]

Como se vê, ele diz que as coisas adquirem vida só quando, assim como fazem os escritores, olhamos para elas, ou seja, quando elas entram em relação conosco. É o que também acontece com a leitura: tudo não passa de papel e tinta até que começamos a olhar para o texto e vivificá-lo em nós. São as coisas da casa, mais especificamente os objetos, que “contam” ao marido que a mulher já não o ama mais.

Esse é um procedimento recorrente na obra de Lygia Fagundes Telles: fazer o leitor prestar atenção em algo que poderia passar despercebido. Assim como a tapeçaria velha que adquiriu vida ao ser observada no conto “A caçada”, esses objetos vão se tornando singulares pelo olhar do leitor que, diante do automatismo da vida, poderia passar rapidamente por eles e não lhes dar atenção.

Na literatura, o processo de **singularização**, ou estranhamento, diz respeito à forma de desautomatizar a percepção habitual de um objeto ou imagem estabelecendo maneiras de se demorar sobre ele. [TOLEDO, 1971]

No entanto, ao olhar para o colar e pensar em Lorena, vemos a realização de um feitura erótica do objeto; ao olhar para a adaga e pensar em Miguel, entendemos por que ele a leva consigo ao sair para comprar bolachas: o que uma adaga afiada pode fazer pendurada como enfeite na parede de uma casa?

Nesse ponto, é recomendável conversar com os estudantes: além do olhar do leitor que se demora sobre as coisas, o que faz os objetos adquirirem vida? O que atravessa esses objetos para que saiam de sua inércia e tomem corpo com as personagens?

Então, volte ao início do conto e releiam juntos as primeiras linhas até que os estudantes se deem conta desse processo que parte do globo de vidro, mas que também é ativado pela memória da infância: Miguel relembra as bolhas de sabão sopradas quando era criança. Diante dessa rememoração, o

objeto passa a ser atravessado pela temporalidade: o globo (presente) que o lembrava da bolha (passado) vai ser chamado de bola de cristal (futuro).

A partir disso, retome a tapeçaria de “A caçada”: ela também era o ponto de ligação entre o passado ancestral da personagem e seu presente, determinando inclusive seu futuro (a provável morte subentendida no fim da narrativa). Assim, fica mais palpável esse trabalho de Lygia Fagundes Telles com as coisas inanimadas e também com a elaboração do tempo — em especial o da memória.

Após esses dois contos, seria interessante passar à leitura de “Verde Lagarto Amarelo” para expor especificamente como se dá a urdidura do tempo. Nele, Eduardo visita Rodolfo, seu irmão mais velho. O conto é melancólico, fala sobre solidão, inveja e diferenças entre dois irmãos — um deles aparentemente com uma vida de relativo sucesso e o outro, de fracasso. Este tinha como único diferencial ser escritor, mas o texto dá a entender no fim que até isso o irmão tiraria dele.

Isso tudo só faz sentido por conta do processo de rememoração da personagem, que é ativado logo no início da narrativa:

Fechei o livro e não pude deixar de sorrir. Nada lhe escapava.

— *Queria lembrar uma certa passagem...* Só que está quente demais, acho que este é o dia mais quente desde que começou o verão.

Ele deixou a pasta na cadeira e abriu o pacote de *uvas roxas*.

— Estavam tão maduras, olha só que beleza — disse tirando um cacho e balançando-o no ar como um *pêndulo*. — Prova! Uma delícia.

Com um gesto casual, atirei meu paletó em cima da mesa, cobrindo o rascunho de um conto que começara naquela manhã.

— *Já é tempo de uvas?* — perguntei colhendo um bago.

Era enjoativo de tão doce mas *se eu rompesse a polpa cerrada e densa sentiria seu gosto verdadeiro*. [...]

— Trouxe também uma coisa... Mostro depois.

Encarei-o. *Quando ele sorria ficava menino outra vez*. (p. 19-20)

As palavras e expressões em *itálico* são como pequenas fendas ou rachaduras que nos permitem passar para o outro lado, ou seja, para o lado das memórias de Rodolfo: como o *pêndulo* de um relógio, a uva anuncia o

retorno a um passado marcado pelo sentimento de inferioridade. Mas é importante que os leitores percebam que isso só é possível por meio da articulação entre objetos e palavras. Para evidenciar essa relação, retome com eles o fragmento seguinte:

— Não, era uma valsa póstuma — eu disse colocando na frente dele a *xícara perfeita*. Reservei para mim a que estava *rachada*. — Está *reconhecendo* essa *xícara*?

Ele tomou-a pela asa. Examinou-a. Sua fisionomia se iluminou com a graça de um vitral varado pelo sol.

— Ah!... *as xicrinhas japonesas*. Sobraram muitas ainda?

O aparelho de chá, o faqueiro, os cristais e os tapetes tinham ficado com ele. Também os lençóis bordados, obriguei-o a aceitar tudo. [p. 23].

As xícaras também passam pelo processo de singularização: precisam ser lembradas e reconhecidas pelo irmão para voltarem a ser as xicrinhas japonesas da família e, assim, revelar a diferença que os afasta: uma, perfeita; outra, rachada.

Aproveite a imagem das xícaras para indicar, como próxima leitura, o conto “Um chá bem forte e três xícaras”. Com base em tudo o que já foi mencionado e discutido sobre os contos, oriente os estudantes a fazerem agora uma leitura individual e silenciosa anotando os elementos que fazem referência ao que vem sendo estudado — as coisas e o tempo. Estimule-os a expor suas anotações para uma conversa.

Quando se reunirem para trocar ideias sobre o texto, destaque a imagem nas linhas finais do conto: “— Assim que a moça chegar, sirva o chá aqui mesmo, faça *um chá bem forte*. E traga *três xícaras*” (p. 104). É possível reconhecer nessa imagem o processo de singularização do objeto xícara, assim como no conto “Verde Lagarto Amarelo”, e também a circularidade que liga o fim ao título — o que é coerente com o procedimento de antecipação e premeditação do encontro por parte da protagonista. Também podemos analisar o relacionamento desse casal, que agora parece estar em perigo com a presença da terceira pessoa, a moça convidada para o chá.

Esse é um momento importante para apresentar outra característica da narrativa lygiana: o espaço. Se os estudantes não perceberam a diferença

entre a espacialidade construída em “Um chá bem forte e três xícaras” e a espacialidade dos demais contos, volte ao início da narrativa e ajude-os a perceber que a protagonista está no jardim da casa.

Mostre-lhes que, ao contrário das outras narrativas que vocês leram juntos e da grande maioria dos textos desta antologia, este conto não se passa dentro de casa. Ao contrário, a mulher faz questão de receber a moça no jardim, indicando assim que não permite a intrusão de outra mulher na intimidade do casal. Trata-se de um elemento importante a ser discutido para que os estudantes percebam que as cenas lygianas acontecem sempre num espaço circunscrito.

Foi assim nos contos trabalhados até aqui e também se repete em “Um chá bem forte e três xícaras”, porém de modo sutil, pois — embora a patroa esteja no jardim de sua casa, e não numa sala ou num espaço emparedado como nos demais — a cena é construída pelos limites da intimidade. Aqui, num certo espaço de intimidade, patroa e empregada conversam sobre a possível intrusa usando uma fala cifrada, na qual abordam aspectos sobre velhice e juventude sem irem direto ao ponto. Mas o espaço não deixa de ser sempre o fechado, o circunscrito, o privado:

A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. [“A caçada”, p. 67].

Ele foi ao quarto, abriu a bolsa e ficou olhando para o interior dela. Tirou o lenço manchado de ruge. Aspirou-lhe o perfume. Deixou cair o lenço na bolsa, colocou-a com cuidado no mesmo lugar e voltou para a sala. Pela porta entreaberta da cozinha pôde ouvir o jorro da torneira. Saiu pisando leve. [“Os objetos”, p. 17].

Aproximei-me da janela. O sopro do vento era ardente como se a casa estivesse no meio de um braseiro. [“Verde lagarto amarelo”, p. 21].

Podemos delinear três pontos marcantes nos contos de *Antes do baile verde*: a singularização das coisas (objetos, frutas, flores, insetos), a temporalidade (memórias, fusão de tempos) e a espacialidade (espaços fechados e/ou da intimidade).

O estudo pormenorizado desses três aspectos dá aos estudantes subsídios para que possam ler os demais textos durante os momentos de aula ou

em casa, a depender do planejamento. Sugerimos que eles construam uma tabela para observar a recorrência de certos procedimentos nos contos lygianos e que a preencham conforme a leitura de cada conto:

Procedimentos autorais	Contos
Narração em terceira pessoa	
Singularização de objetos/coisas	
O fio temporal como memória	
Espaços fechados e intimistas	
Conflitos de relacionamento	
Fusão de tempos e espaços	
Mistério	

PÓS-LEITURA

Após a leitura do livro, reúna os estudantes numa sessão de Clube de Leitura para que comentem suas experiências com os contos. Incentive-os a discorrer sobre os procedimentos lygianos que exploramos antes: o tempo, o espaço e as coisas.

E, com base nisso, retome a discussão inicial sobre as particularidades de uma obra escrita por mulher: é possível reconhecer marcas de uma autoria do gênero feminino? As personagens femininas são mais bem construídas que as masculinas? Há profundidade e intensidade nos fluxos interiores tanto em personagens homens como em personagens mulheres? Há marcas claras de que o texto foi escrito por uma mulher? Se os procedimentos literários não denunciam o gênero de quem escreve, o que justifica lermos mais autores homens do que mulheres?

Para amparar a discussão, tome como base dois textos do volume: “Um chá bem forte e três xícaras” e “A chave” e aprofunde as reflexões sobre a força subjetiva dos protagonistas: no primeiro, uma mulher preparando um encontro com a possível futura amante do marido, bem mais jovem do que ele; no segundo, um homem mais velho que enfrenta o fato de que sua mulher bem mais jovem o trairá. Mulher e homem travam batalhas parecidas e com

o mesmo grau de complexidade. No entanto, no primeiro o homem nem aparece, o leitor tem apenas referências a ele na narrativa; no segundo, as duas mulheres com quem já esteve envolvido são descritas como personagens mais fortes e mais decididas do que ele. Isso acontece nos demais contos? Como são delineados os outros personagens da obra, homens e mulheres?

Essa discussão visa ressaltar a construção das personagens, pois as questões sobre a autoria feminina devem continuar borbulhando na mente dos estudantes para que percebam que o fato de poucas mulheres serem lidas nada tem a ver com a qualidade de escritura, mas com o espaço que lhes é destinado na sociedade. Esse exercício reflexivo é fundamental para a formação e a emancipação desses jovens leitores, que poderão atuar criticamente nos espaços em que essas obras circulam, defendendo e legitimando a presença de autoras mulheres.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

ARTE

COMPETÊNCIA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos criativos que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

PRÉ-LEITURA

A singularização ou a desautomatização do olhar, processo explorado nos contos lygianos, pode ser trabalhada na prática durante as aulas de Arte.

Para iniciar esse trabalho, pode ser interessante apresentar aos estudantes um fragmento do russo Viktor Chklóvski (1893-1984) que aborda esse distanciamento do olhar nas artes:

O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já “passado” não importa para a arte. [TOLEDO, 1971, p. 45].

A fim de tornar essa reflexão mais palpável, sugerimos uma associação com os fundamentos da pop art, em especial com algumas obras dos norte-

-americanos Andy Warhol (1928-87) e Roy Lichtenstein (1923-97), que buscavam retirar os objetos de seu contexto de massa e ressignificá-los para que o observador os apreciasse como obras de arte. Uma discussão sobre esses procedimentos de desautomatização do olhar pode ser promovida com base nas obras *Lata de sopa Campbell* (1962), de Warhol, e *Oh, Jeff... I Love You Too... But...* (1964), de Lichtenstein, por exemplo. Elas podem ser vistas em: <https://www.moma.org/collection/works/79809> ou <https://artsandculture.google.com/asset/campbell-s-soup-i-andy-warhol/jwEPpXRD0LS7YA> (acessos em: 20 nov. 2020).

LEITURA

Proponha aos estudantes uma releitura de alguns contos do livro *Antes do baile verde* particularizando os objetos que se destacam nos textos. “Apenas um saxofone” e “O moço do saxofone” podem ser selecionados para uma análise comparativa a fim de que eles percebam como o mesmo instrumento é singularizado em ambas narrativas. Os seguintes trechos podem ser explorados nessa análise:

- “Apenas um saxofone”

Onde agora? Às vezes eu fechava os olhos e *os sons eram como voz humana me chamando*, me envolvendo, Luisiana, Luisiana! Que sons eram aqueles? Como podiam *parecer voz de gente* e serem ao mesmo tempo *tão mais poderosos, tão puros*? E *singelos como ondas* se renovando *no mar*, aparentemente iguais, só aparentemente. “Este é o meu *instrumento*”, disse ele deslizando a mão pelo saxofone. Com a outra *mão em concha*, cobriu meu *peito*: “e esta é a minha *música*” (p. 33).

Ele era a minha juventude, ele e seu saxofone que *luzia como ouro*. Seus sapatos eram sujos, a camisa despencada, a cabeleira um ninho, mas o saxofone estava sempre meticulosamente *limpo*. Tinha também mania com os dentes que eram de uma brancura que nunca vi igual, quando ele ria eu parava de rir só para ficar olhando. (p. 36).

- “O moço do saxofone”

Não que não gostasse de música, sempre gostei de ouvir tudo quanto é charanga no meu rádio de pilha de noite na estrada, enquanto vou dando

conta do recado. Mas aquele saxofone era mesmo de *entortar qualquer um*. Tocava bem, não discuto. O que me punha doente era o jeito, um jeito assim *triste como o diabo*, acho que nunca mais vou ouvir ninguém tocar saxofone como aquele cara tocava. [p. 49-50].

— Eu toco saxofone.

Fiquei olhando primeiro para a cara dele, que parecia feita de gesso de tão branca. Depois olhei para o saxofone. Ele *corria os dedos compridos pelos botões, de baixo para cima, de cima para baixo, bem devagar*, esperando que eu saísse para começar a tocar. Limpou com um lenço o bocal do instrumento, antes de começar com os *malditos uivos*. [p. 55].

Enquanto um saxofone emite sons de mar, outro emite uivos. As descrições, destacadas em itálico nos excertos anteriores, nos fazem ver objetos semelhantes de modo bem diferente. Esse é o processo que torna tais objetos únicos em cada narrativa. Após as reflexões feitas com base na análise das descrições, estimule os estudantes a imaginar: como seriam esses instrumentos representados em arte visual?

PÓS-LEITURA

Com base no trabalho realizado pelo professor de Língua Portuguesa e nos conhecimentos adquiridos sobre a pop art, propomos uma atividade interdisciplinar na qual os estudantes produzirão um acervo de obras de arte para uma exposição denominada *O espaço, o tempo e as coisas: uma homenagem a Lygia Fagundes Telles*. Constarão da exposição dezoito obras — peças individuais ou conjunto de peças — representativas de cada conto da coletânea *Antes do Baile verde*.

LÍNGUA INGLESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADE (EM13LGG403): Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

PÓS-LEITURA (TRABALHO INTERDISCIPLINAR)

Em trabalho conjunto com os professores de Língua Portuguesa e Arte, o professor de inglês pode auxiliar na exposição *O espaço, o tempo e as coisas: uma homenagem a Lygia Fagundes Telles* orientando a produção de um catálogo bilíngue que contenha:

- Breve apresentação da exposição
- Biografia da escritora homenageada
- Imagens das obras visuais produzidas pelos estudantes
- Fragmentos representativos dos contos lygianos e dados da exposição
- Ficha técnica

Se possível, mostre aos estudantes catálogos de exposições, impressos ou online e auxilie na criação de uma página virtual para o evento e também de uma versão digital do catálogo.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

HABILIDADE (EM13CHS204): Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE (EM13CHS504): Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE (EM13CHS603): Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

PRÉ-LEITURA

A partir da leitura do conto “Helga”, as aulas de História e Geografia podem estabelecer uma parceria interdisciplinar no estudo de temas como Segunda Guerra Mundial, nazismo, genocídio, direitos humanos, crimes de guerra e violências contra minorias, como judeus, ciganos e homossexuais, entre outros.

Para isso, apresente algumas notícias de jornal referentes ao tema selecionado e exiba trechos do documentário *Mensagens para um futuro mais tolerante*, produzido a partir de depoimentos de sobreviventes do holocausto colhidos no Brasil para o acervo da Fundação USC Shoah — Instituto para a História Visual e Educação, coordenado por Steven Spielberg.

Mensagens para um futuro mais tolerante

Direção e edição: Anita Pinkuss e Paulo Baroukh

Brasil, 2005, 40 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g0o9TXYfqr0>. Acesso em: 18 set. 2020.

LEITURA

Neste momento, pode-se propor aos estudantes a releitura de “Helga”. O conto retrata a relação entre Helga, uma alemã que perdeu a perna em um bombardeio, e Paul, ou Paulo Silva, que se casa com ela e rouba sua perna ortopédica na noite de núpcias para vendê-la e ficar rico antes de voltar ao Brasil.

Durante a leitura do conto, é importante dar destaque à subjetividade do personagem, fazendo um contraponto com a linguagem dos textos informativos. Para isso, sugerimos a análise do fragmento a seguir, no qual se percebe como se relativiza a guerra e seus conteúdos hediondos:

Assim que acabou a guerra, vendi meu capacete e meu punhal com a cruz suástica a um funcionário brasileiro que até hoje não sei o que estava fazendo em Düsseldorf. Fomos para uma cantina onde me pagou uma cerveja e dele ouvi então coisas alarmantes: que a minha situação jurídica era nada mais, nada menos, do que a de um traidor, quer dizer, uns quinze anos de cadeia, por aí. Era só voltar e a condenação viria na certa. Recebi a notícia na hora errada porque naquela altura meu desejo maior era esquecer a guerra, encerrar as férias na Alemanha e tranquilamente voltar para Vila Corinto, casar por lá, cuidar do plantio, da criação e ajudar minha mãe que devia estar velha. Helga ainda não aparecera na minha vida e o hitlerismo e a guerra ainda não tinham me marcado para sempre. Ainda não. (p. 43).

PÓS-LEITURA

Nas atividades de pós-leitura, é interessante abrir uma roda de conversa sobre a relação entre realidade, ficção e seus atravessamentos, problematizando também a força dos testemunhos. Há uma entrevista na qual Lygia Fagundes Telles relata que esse seu conto nasceu de uma notícia de jornal. Vejamos um fragmento:

Um escritor português quis saber se o meu conto “Helga”, que ele achou demasiado cruel, foi memória ou invenção. Metade memória e metade invenção, respondi. A memória estava na notícia que li num jornal, a página trazia algumas excentricidades da Segunda Guerra Mundial e entre essas estava aquela que me fisgou [...]. A curta notícia que li no jornal era apenas

essa e que me deixou estarelecida, meu Deus! na noite de amor ele pegou a perna — direita ou esquerda? — e desapareceu para sempre. Querendo me livrar da lembrança resolvi escrever o conto e aí começa a invenção. (LIMA; SARMENTO-PANTOJA, 2015).

Para finalizar esta proposta interdisciplinar com o conto “Helga”, proponha que os estudantes, organizados em grupos, selecionem alguma notícia ou testemunho e que escrevam uma narrativa usando fatos históricos e imaginação para compor um conto. Depois, organize uma roda de leitura para compartilhar os textos produzidos.

SOCIOLOGIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE (EM13CHS605): Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

HABILIDADE (EM13CHS606): Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira — com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes — e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

PRÉ-LEITURA

Explorando o debate sobre a circulação da literatura escrita por mulheres em comparação com a literatura escrita por homens, propomos que o professor de Sociologia realize um trabalho interdisciplinar com o de Língua

Portuguesa. Para isso, sugerimos que, após a discussão fomentada nas atividades de pré-leitura em Língua Portuguesa, seja disponibilizado aos estudantes o trecho a seguir do artigo “Imagens da Mulher na Narrativa Brasileira”:

O corpo feminino é um território em permanente disputa. Sobre ele se inscrevem múltiplos discursos — vindos dos universos médico, legal, psicológico, biológico, artístico etc. — que não apenas dizem desse corpo, mas que também o constituem, uma vez que normatizam padrões, sexualidade, reprodução, higiene. A questão é que esses lugares legítimos de enunciação ainda são ocupados predominantemente por homens, instalados, é claro, em sua própria perspectiva social. A dificuldade surge porque, mesmo que sejam sensíveis aos problemas femininos e solidários (e nem sempre o são), os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. E, como “o olhar não dobra a esquina”, alguma coisa sempre se perde.

Segundo pesquisas realizadas na Universidade de Brasília (UnB) — que se debruçaram sobre todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras da área (Companhia das Letras, Record e Rocco) nos últimos 15 anos — as autoras não chegam a 30% do total de escritores editados. O que se reflete também na subrepresentação das mulheres como personagens em nossa ficção. As mesmas pesquisas mostram que menos de 40% das personagens são do sexo feminino. Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres também têm menos acesso à “voz”, isto é, à posição de narradoras, e estão menos presentes como protagonistas das histórias. Há uma diferença significativa entre a produção das escritoras e dos escritores. Só como exemplo, em obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76,6% dos narradores. Para os autores homens, os números não passam de 32,1% de personagens femininas, com 13,8% dos protagonistas e 16% dos narradores. Fica claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 127-8).

Outros dados sobre a representação das mulheres nos romances brasileiros de 1990 a 2004 estão disponíveis no artigo “Ima-

gens da mulher na narrativa brasileira”, de Regina Dalcastagnè:
http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_rodade/article/view/3267. Acesso em: 7 out. 2020.

Depois da leitura compartilhada, saliente que essa pesquisa foi feita há mais de uma década. Estimule os estudantes a debater se eles têm a impressão de que o cenário mudou ou ainda é o mesmo. Ressalte as questões sobre a disputa pelos espaços de fala entre homens e mulheres.

Para dar consistência à discussão, proponha que façam um levantamento na biblioteca da escola sobre a relação entre a quantidade de títulos escritos por mulheres e homens e sobre a circulação desses livros como empréstimo. O resultado da pesquisa pode ser compartilhado entre os estudantes da escola, seguido de um bate-papo sobre o tema e o desenvolvimento da pesquisa.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Antes do baile verde é um livro que contribui para a fruição e a formação leitora tanto de jovens como de adultos, porque os coloca diante de uma experiência estética singular, que se dá entre a distensão da prosa e a condensação da poesia. Derivado do termo latino *computum*, o gênero conto está intimamente relacionado à enumeração dos fatos, ou melhor, a relatar um fato central e acontecimentos ligados a ele. No entanto, como esses fatos se apresentam num todo condensado, está por isso muito próximo da poesia. E isso faz toda a diferença, pois requer do corpo leitor uma disponibilidade de movimentação específica de expansão e contração.

Isso porque a forma breve requer toda a concentração na arte verbal para conseguir a mesma imediatez específica do poema. Podemos associar essa característica também a certa metalinguagem que subjaz aos textos: de certo modo, as personagens sempre estão numa posição em que leem as tramas daquela realidade ficcional como estamos lendo as tramas do conto. Mais ainda: em vários momentos, espelhamos a situação das personagens, já que permanecemos presos nos contos lygianos — como o homem na tapeçaria de “A caçada”, ou Raquel no sepulcro, de “Venha ver o pôr do sol”.

Assim, os contos lygianos mesclam a intuição poética à elaboração racional ou, ainda, a inspiração à técnica composicional, por isso pedem uma leitura afetiva que não se limite aos acontecimentos, mas seja expandida para as nuances provocadas por ele. A proximidade com o poema culmina na circularidade dos textos: ler uma vez nunca é suficiente, precisamos reler muitas vezes o conto, como fazemos com a poesia.

Por isso, trazer esta antologia aos jovens do Novo Ensino Médio é possibilitar uma experiência sensível e intelectual que está em consonância com as necessidades de um corpo cheio de intensidades e que precisa se mover, com algum equilíbrio, entre o racional e o emocional. Pode-se, inclusive, argumentar que a leitura dos contos lygianos formam para a cidadania, pois não consistem em narrativas de uma literatura assimilável sem esforço ou passivamente. Muito pelo contrário, eles precisam estar acompanhados de

uma tarefa pedagógica de educação dos sentidos e para os sentidos, ou seja, que conjugue “compreensão fruidora” e “fruição compreensiva” diante do efeito estético da obra (JAUSS, 1979, p. 45).

Esses procedimentos apostam na inteligência e na sensibilidade do leitor, que precisa buscar pelas pistas deixadas no texto a fim de articular os elementos narrativos que justifiquem os desfechos dos contos. Cada detalhe importa para o todo, pois nada é acessório quando se trata de um conto de Lygia Fagundes Telles.

Para entender os efeitos produzidos na mente de quem lê esses contos, podemos recorrer a Julio Cortázar (1974), que compara o gênero conto à fotografia, por conta do justo recorte, mas que também o vincula à poesia, pela intensidade, e ao jazz, ao mencionar a tensão, o ritmo, a pulsação interna e o imprevisto como características específicas do gênero. Tais características — em oposição ao comentário, à digressão, à alegoria e às generalizações éticas ou didáticas, que casam bem com o romance — são responsáveis pela “unidade de efeito”.

Essa concisão requer do leitor um complexo processo detetivesco que o convida a refazer a leitura buscando as pistas perdidas no caminho, descobrindo similitudes, desfazendo os nós de sentidos e preenchendo os hiatos.

Acerca do “vazio” na obra literária e sua relação com o ato de leitura como experiência criativa, Wolfgang Iser comenta:

Se o texto se completa quando o seu sentido é construído pelo leitor, ele indica o que deve ser produzido: em consequência ele próprio não pode ser o resultado... Por esta razão, é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre texto e leitor. Pois os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. Isso equivale a dizer que os atos estimulados pelo texto se furtam ao controle total por parte do texto. No

entanto, é antes de tudo esse hiato que origina a criatividade da recepção. (1999, p. 9-10).

Para preencher esses hiatos, o leitor precisa ficar atento ao modo como as personagens se relacionam com o tempo e, em especial, com os objetos. Lygia Fagundes Telles utiliza com maestria o recurso de fundir tempo e espaço num todo denso e complexo. Esse procedimento pode ser associado ao que o pensador russo Mikhail Bakhtin chama de *cronotopo*, ou seja, o elemento textual onde “os nós do enredo são feitos e desfeitos” (1998, p. 355). Seguindo a concepção bakhtiniana, os cronotopos se associam à “grande temporalidade”, isto é, à simultaneidade com a qual somos “inclinados a reconstruir a atualidade (o presente) segundo uma linha vertical que sobe e desce” (idem, p. 264).

Ou seja, passado, presente e futuro movimentam-se simultaneamente em torno de uma imagem, ou ainda nas imagens dos objetos que se elevam nas cenas recortadas pela autora. Assim, imagens de coisas específicas, como a perna de Helga, no conto de mesmo nome, trazem condensadas em si toda a vida da personagem e, dessa forma, são portadoras de grande significação na narrativa, pois determinam o caráter desses seres de papel com os quais se relacionam. O objeto perna é responsável por colocar Helga na categoria de mulher traída, e Paul na de homem traidor: “A perna envolve viagem, guerra, a perna vai tão além...” (p. 41).

Há muita beleza nos contos de Lygia Fagundes Telles — uma beleza inteligente.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Antes do baile verde é um livro que se abre não só para a obra completa de Lygia Fagundes Telles como também para um leque de referências estéticas, culturais e éticas. Uma delas é o existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-80) e Simone de Beauvoir (1908-86), filosofia com a qual a autora teve contato quando o casal veio ao Brasil na década de 1960 e que pode ser entrevista na construção de suas personagens.

É importante lembrar que Lygia está vinculada à Geração de 45, ou o terceiro modernismo. Assim como João Cabral de Melo Neto (1920-99), João Guimarães Rosa (1908-67) e Clarice Lispector (1920-77), autores interessados em buscar uma nova forma, mais elaborada e estética de dizer as coisas, ela também se preocupou com o aspecto formal, porém sem esquecer o engajamento com seu tempo.

Por isso, sua voz foi encontrando meios para se comunicar com mais pessoas, perfurando inclusive os limites do livro. Foi o caso, por exemplo, de algumas adaptações, produção de roteiros, entrevistas e pesquisas sobre a obra. Entre as muitas indicações, destacamos algumas que podem interessar a você e aos estudantes, seja para enriquecer as aulas ou para ajudar na construção de um repertório cultural.

Telenovelas: *Ciranda de pedra*.

Adaptação de Teixeira Filho. Direção de Reynaldo Boury e Wolf Maya. Brasil, Rede Globo, 155 episódios, 1981.

Adaptação de Alcides Nogueira. Direção de Denise Saraceni. Brasil, Rede Globo, 131 episódios, 2008.

Livrentemente inspiradas no romance homônimo, *Ciranda de pedra* é uma telenovela brasileira que já teve duas versões exibidas no horário das 18 horas pela Rede Globo, a primeira em 1981 e a segunda em 2008.

Documentário: *Lygia, uma escritora brasileira*. Direção: Helio Goldsztejn. Brasil, 2017, 75 min. 12 anos.

Sob a direção de Helio Goldsztejn e tendo no elenco Lygia Fagundes Telles, Jô Soares e Maria Adelaide Amaral, o documentário retrata a

vida da escritora dando destaque a sua trajetória pessoal e profissional, sob a ótica de outros profissionais da área, amigos e familiares.

Filme: *Capitu*. Direção: Paulo Cesar Saraceni. Brasil, 1968, 105 min.

O roteiro deste filme foi escrito por Lygia e seu marido, Paulo Emílio Sales Gomes, que tomaram como base o romance *Dom Casmurro* (1900), de Machado de Assis. É interessante observar as escolhas do casal na elaboração da personagem Capitu, por meio de estratégias como acréscimo ou supressão de elementos para adequar o livro ao novo suporte.

Programa de TV: *Roda Viva*. TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tgaX90Fo3YU>. (Acesso em: 19 set. 2020.).

A escritora foi entrevistada pela bancada do programa da TV Cultura em 1996. Lygia relembra sua trajetória e comenta temas importantes, como a presença feminina na literatura e na vida cultural brasileira.

Da entrevista, vale destacar um trecho que dialoga com as atividades propostas de problematização da produção e circulação de livros de autoria feminina:

Rinaldo Gama: [...]. A senhora diz que não acredita em uma literatura, vamos dizer, feminina, não é nem feminista, feminina de uma maneira geral, que isso não tem muita importância. Eu queria saber se a senhora já foi acusada de escrever como homem ou se a literatura na sua opinião é, de algum modo, as artes de algum modo são assexuadas? Qualquer livro poderia ter sido escrito por qualquer um a qualquer momento?

Lygia Fagundes Telles: Rinaldo, agora, ótimo, porque agora eu posso te contar o seguinte: eu era estudante de direito, uma jovem estudante de direito de boina, com os livrinhos e tal, e completamente discriminada. Até parece que eu estou falando da idade da pedra lascada, não era, era 1940 e poucos e eu lançando meu livrinho de contos *Praia Viva* na faculdade. [...] Então, essa discriminação fez que quando eu publicasse o livro ficasse felicíssima, porque um cronista escreveu o seguinte: “Esta menina é estranha. Ela escreve feito um homem, feito um homem barbado”. Eu fiquei na maior felicidade. Porque esse era o maior elogio, escrever como um homem, está compreendendo? Porque a mulher, as meninas, as moças que escreviam

na época — pois é, até parece que eu estou falando da Idade Média — eram discriminadas. Era considerado uma literatura separada, assim como aquele poço separando a literatura masculina, que era sempre muito superior e tal, da literatura feita pelas moças. Então, só terminando, isso se você me pergunta hoje, hoje não. A literatura feminina evidentemente tem... Olhando aqui para Ana Miranda, que escreveu um romance tão belo que chama-se *Desmundo* e *Boca do Inferno*, excelentes livros, só para citar dois. Eu fico pensando o seguinte: não existe literatura, eu não faço distinção hoje de literatura feminina e literatura masculina, não há esse divisor de águas. A divisão de águas está em relação à qualidade, está certo, Ana? Há escritores que escrevem bem e escritoras que escrevem bem, escritores que escrevem mal e escritoras que escrevem mal. A divisão é quanto à qualidade. Existe um momento, existe sim a literatura escrita pela mulher. Tem certas características dentro da nossa condição, há um subjetivismo talvez, Ana, maior na literatura escrita por mulheres. Isso vem da tradição da mulher, uma tradição que eu tento explicar em um livro meu, *Disciplina do Amor*, justamente a tradição da mulher que começou a escrever, as minhas tiazinhas, aquelas tias lá de longe que escreviam, começaram a escrever os seus poemas, as suas tias, avós, bisavós, naqueles cadernos do dia a dia, onde elas punham o preço da cebola, da batata e de vez em quando vinha um pensamento. [...] Eu conversei sobre isso com Clarice nesse encontro nosso lá longe, entende? Seria a fonte primária das mulheres tentando se dizer, tentando se explicar, tentando se desembrulhar. A mulher é mais embrulhada do que o homem. Não sei se as mulheres aqui concordam. A mulher é mais embrulhada do que o homem porque ela foi obrigada a ser embrulhada. Eu não preciso lembrar vocês que a mulher passou, no Brasil, dentro do espartilho lusitano, a mulher passou um tempo enorme calada. (Transcrição do programa disponível em: https://rodaviva.fapesp.br/materia/101/entrevistados/lygia_fagundes_telles_1996.htm. Acesso em: 19 set. 2020.).

Filme: *As meninas*. Direção: Emiliano Ribeiro. Brasil, 1995, 92 min.

Livro: *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O livro, bem como sua adaptação, se passa durante a ditadura militar

e narra o encontro de três adolescentes de diferentes condições sociais que se conhecem em um pensionato de freiras em São Paulo. Cada uma delas vive um drama pessoal, mas a amizade faz com que compartilhem sonhos e dúvidas num momento difícil tanto para elas como para a história do país.

Dissertação de mestrado: *Lygia Fagundes Telles e René Magritte: diálogos entre textos e telas*, de Ana Paula Dias Rodrigues. Mestrado em Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2010. Disponível em: **https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99116/rodrigues_apd_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y**. (Acesso em: 20 set. 2020.).

A pesquisa traz uma análise comparativa muito interessante entre três contos da autora e três telas do pintor belga René Magritte.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 1998.

O livro traz uma importante elaboração do conceito de *cronotopo* no romance. Para isso, Bakhtin pesquisa do romance grego às formas da biografia e autobiografia antigas, detém-se nos fundamentos folclóricos do cronotopo de Rabelais até o aparecimento do cronotopo idílico do romance.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

O livro traz dezoito ensaios de Julio Cortázar, teórico da literatura e grande contista. O texto “Alguns aspectos do conto” apresenta a estrutura do conto e faz reflexões importantes sobre o gênero, o tema e os afetos envolvidos na criação e recepção desse tipo de texto.

HUBACK, Sandrine Robadey; PEREIRA, Vinícius Carvalho. “Mulheres na via de contramão: a (des)representação do feminino em *Antes do baile verde*, de Lygia Fagundes Telles”. In: xv *Abralic – Experiências literárias textualidades contemporâneas*, 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491433519.pdf. (Acesso em: 19 set. 2020.). Com base nos debates sobre o feminino, os autores analisam, no conto “O jardim selvagem”, publicado no livro *Antes do baile verde*, a construção da personagem sob as chaves da trapaça ao padrão cultural conservador e patriarcal e também da resistência.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

Este é um dos principais livros sobre a estética da recepção, teoria que pensa a literatura numa relação dinâmica entre autor, obra e leitor. Iser traz importantes contribuições ao analisar as estruturas do texto ficcional que são capazes de despertar efeitos no leitor, o qual adquire papel relevante na constituição do sentido da obra literária.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1979.

O livro apresenta os modelos de escrita da história da literatura: a su-

cessão dos grandes autores, a evolução das formas do texto literário e o agrupamento de autores em escolas sucessivas e que tentam se superar, explicando os fundamentos filosóficos dessas posições.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Nesta série de ensaios sobre a relação entre obras e leitores, o escritor argentino recorre a cenas literárias nas quais o leitor ficcional é o centro das atenções. De Borges a Che Guevara, Piglia questiona “o que é o leitor” e delineia os diferentes modos de essa figura aparecer como representação imaginária na literatura.

OBRAS CITADAS

- DALCASTAGNÈ, Regina. “Imagens da mulher na narrativa brasileira”. O Eixo e a Roda: *Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, 2017. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso em: 7 out. 2020.
- LIMA, Kamila Rodrigues; SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira. “O teor testemunhal no conto ‘Helga’ de Lygia Fagundes Telles: um estudo de memória e identidade”. *Revista Margens Interdisciplinar*, Dossiê: Literatura e Resistência, vol. 9, n. 13., dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2676>. Acesso em: 12 out. 2020.
- TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Prefácio de Boris Schnaiderman. Porto Alegre: Globo, 1971.
- ZELNYS, Geruza. *9 janelas paralelas & outros incômodos*. São Paulo: Editora Dobradura, 2016.